

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

PODER E CRISE DA AUTORIDADE NA TRAGÉDIA *ANTÍGONE* DE SÓFOCLES¹

BARROS DA SILVA, Matheus²

Resumo:

Realizo uma reflexão sobre o poder e autoridade na tragédia *Antígone* (442). A peça se passa em Tebas logo após a luta fratricida entre Étéocles e Polínices e coloca em cena personagens de sensível densidade ética e política: Antígone, que deseja enterrar seu irmão Polínices e deve fazê-lo às escondidas, pois Creon, governante da cidade, proibiu o ato; o próprio Creon surge em cena encarnando a figura de um tirano, para o qual a autoridade política se esgota nele mesmo; o drama também apresenta Hêmon, filho de Creon e noivo de Antígone, que traz à cena o ponto de vista da cidade isonômica. Assim, visio problematizar o fundamento da autoridade e do poder no drama elencado.

Palavras-chave: Antígone, Autoridade, Política, Poder, Tragédia

1) O trágico, a política e a pólis:

Antes de adentrar o drama *Antígone*, de Sófocles, teço algumas considerações sobre a relação entre cidade e tragédia. Dito isso, é preciso definir, primeiramente, o que quero dizer com “cidade”: falo da pólis clássica, e mais precisamente de Atenas entre finais do século VI e V.

Nesse sentido, em segundo lugar, sigo a leitura de Cornelius Castoriadis, quando afirma que em verdade deva-se falar, com maior especificidade, em tragédia ateniense. Pois, a tragédia é produto cultural da dinâmica política isonômica ateniense (1987, p. 306).

Ao tratar da tragédia nesses termos, faz-se necessário, ainda que de maneira breve, explicitar o sentido da política, e mais precisamente da *praxis* democrática na Atenas clássica. Aqui, não faz parte de meu escopo apresentar o funcionamento prático ou logístico do sistema político ateniense, do mesmo modo, não está em meu horizonte – a partir de uma visão angelical – tomar Atenas como modelo lógico a ser seguido. A política e democracia, como invenções gregas, interessam-me, sobremaneira, no sentido de

¹ Texto elaborado a partir da comunicação apresentada no encontro da ANPUH-GO, em maio de 2022. A pesquisa conta com apoio e financiamento CAPES.

² Doutorando em História Social – UFRGS, matheusbarros.dasilva@gmail.com, Bolsista CAPES.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

constituírem a expressão de uma nova antropologia – quer dizer, de uma visão e compreensão da condição humana inaugurada na experiência da democracia antiga.

Estou de acordo com Jean-Pierre Vernant, quando o autor afirma que entre política, democracia e a emergência da pólis, há relação estreita, orgânica, e eu acrescentaria: de mútua implicação. No grego antigo há duas formulações que auxiliam a pensar a questão: ἐς τὸ χοινόν³ (*es tò khoinón*) e ἐς τὸ μέσον⁴ (*es tò mesón*) (VERNANT, 2013, p. 50). Ao emergirem no contexto poliade, tais fórmulas traduzem um tipo particular de pensamento, ou seja, aquilo que diz respeito à pólis é assunto comum de todos que detém a condição de cidadãos, e por conseguinte, a cidade, pensada de forma abstrata, está na mesma distância de todos, está ao meio.

Nesse sentido, indica Vernant:

O recurso a uma imagem especial para exprimir a consciência que um grupo humano toma de si mesmo e o sentimento de sua existência como unidade política não tem simples valor de comparação. Refletem o advento de um espaço social inteiramente novo (VERNANT, 2013, p. 50).

Em outras palavras, pensando o caso grego, o surgimento e complexificação de um espaço público, ou melhor, um espaço comum, demandou da parte do corpo de cidadãos uma concreta participação política. Isso não se fez sem causar tremendas transformações que seriam sentidas tanto no espaço social e político, quanto no próprio homem grego. Com isso, o que se quer dizer é que, através da experiência isonômica, a própria representação da condição humana é redefinida. Instado à ação, o cidadão pondera, reflete e delibera em um espaço propriamente humano, o espaço da política. Esse movimento não é feito de forma suave e apaziguada, doravante os cidadãos na pólis se confrontam. O que é autoridade – ἀρχή⁵ (*arkhḗ*)? Qual seu fundamento? Quem a detém? São questões candentes no contexto social e cultural da Atenas isonômica. É neste

³ Tradução: sob domínio comum.

⁴ Tradução: posto ao meio.

⁵ Tradução: autoridade; origem; princípio ou fundamento de autoridade.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

universo que a tragédia grega emerge, se desenvolve em todas as suas potencialidades, e assume sua significação e posição social. Como instituição da cidade, a tragédia não apenas dialoga com seu contexto histórico, mas, ainda mais: fornece os dispositivos mentais e coordenadas simbólicas para a própria manutenção da organização políade e mesmo da condição humana tal como compreendida na pólis clássica. A tragédia tem uma linguagem marcadamente política: “neste caso, e é o caso do teatro ateniense, uma distinção ou mesmo uma oposição entre arte e política é imprudente e sem fundamento” (LANZA, 1997, p. 23).

Simon Goldhill reforça a visão da tragédia como instituição da cidade, mantendo uma relação diria mesmo orgânica. De fato, a tragédia é arte política, e assim a compreendemos no sentido que Christian Meier desenvolve o conceito em seu livro *De la Tragédie Grecque comme Art Politique* (1991). A tragédia grega é um evento cívico-religioso, com sensível peso na vida social dos atenienses (MARSHALL, 2000, p. 18). Está posicionada como um núcleo difusor de significados e imagens a serem compartilhados no interior da comunidade cívica, fazendo com que aquele conteúdo veiculado passasse a circular junto a um grande público e integrando um complexo cultural simbólico e comunicativo a ser partilhado entre poeta e cidadãos (MARSHALL, 2000, p. 19). Tal representação é mediada pelo fato mítico. Ou seja, o mito na cena trágica realiza-se como um olhar distanciador que permite ao poeta trágico elaborar um debate “acerca de temas políticos e morais” próprios do universo políade (SEGAL, 1994, p. 194). Michael Zelenak afirma que, “através da tragédia, a cidade reescreve os mitos do tempo heroico, os situando em serviço da ideologia democrática” (ZELENAK, 1998, p. 11). A partir dessa perspectiva tome-se a postura de Jaa Torrano, que afirma:

A tragédia se serve do pensamento mítico, de seu repertório de imagens e de sua lógica e dinâmica próprias como os meios e forma de pensar o modo de vida política e particular dos atenienses contemporâneos (TORRANO, 2019, p. 25).

A relação que a tragédia empreende com a pólis, é colocar a cidade diante de si mesma. Não atuando como mero reflexo mecânico de seu contexto. Concordando com

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Pierre Vidal-Naquet, é verdade que a tragédia é um espelho, mas um espelho quebrado, que em suas ranhuras e estilhaços revela as tensões e descompassos que a cidade vive em sua dimensão histórica (VIDAL-NAQUET, 2002, p. 182-183).

2) Autoridade, poder e crise em *Antígone*:

A peça *Antígone* de Sófocles, ao que se indica, fora encenada no ano de 442. O tragedista trabalha com uma matéria ligada à narrativa mítica de Édipo e à família Labdácida. Antígone, assim como sua irmã Ismene, e seus irmãos Polinice e Etéocles são frutos da relação incestuosa entre Édipo e sua mãe Jocasta. Uma família marcada por uma maldição. Polinice e Etéocles travam uma luta fratricida pelo trono de Tebas, o primeiro está contra a cidade, o segundo, a defende. Com a morte dos irmãos, Creon – irmão de Jocasta – assume o poder e decreta a proibição do enterramento de Polinice e de seus ritos fúnebres, pois é acusado de traição. No entanto, Antígone é flagrada realizando as exéquias de Polinice, assume o feito diante de Creon, e está disposta a cumprir a pena capital pelo realizado. Desse ponto em diante, vê-se uma crescente tensão, que é construída pelo poeta em densos diálogos entre Antígone e Creon e Creon e Hemon, seu filho.

A fim de analisar a tragédia *Antígone*, gostaria de chamar a atenção ao Primeiro Estásimo do Coro, a chamada Ode ao Humano. O Estásimo começa à altura do verso 333, após saber-se que Polinice fora honrado com os ritos funerários. Creon e o Coro ignoram que a autora do ato seja Antígone. Assim, o Coro canta, na tradução de Maria Helena Pereira:

Co.: Muitos prodígios há; porém nenhum
maior do que o homem (vv. 333-334).

Esses dois versos permitiriam uma densa discussão, no entanto procuro ser mais pontual. No texto em grego, a mesma passagem se encontra como:

Co.: πολλὰ τὰ δεινὰ κούδεν
ἀνθρώπου δεινότερον πέλει (vv. 333-334).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Ofereço a seguinte tradução:

Co.: Há muitas grandiosidades, mas nada
é mais terrível do que o humano (vv. 333-334).

É possível compreender a passagem como uma celebração, por parte do Coro, das capacidades humanas. Até o verso 377, quando Estásimo acaba, o Coro afirma as conquistas humanas em todas as áreas da existência. Nesse sentido chamo a atenção para mais um momento dentre desse canto do Coro, que afirma sobre o humano:

Co.: καὶ φθέγμα καὶ ἀνεμόεν φρόνημα καὶ ἀστυνόμους
ὄργας ἐδιδάξατο (vv. 355-356).

Proponho traduzir como:

Co.: O falar, o sutil pensamento e o impulso das leis da cidade,
ensinou a si mesmo (vv. 335-356).

O que se percebe aqui, é uma representação do humano como um ser que institui a si mesmo. Este aspecto de autocriação revela-se com sua força maior onde se encontra o termo ἐδιδάξατο (*edidáxato*). Trata-se do verbo διδάσκω (*didáskō*) – aprender – e a forma ἐδιδάξατο (*edidáxato*) está no modo aoristo médio. Em outras palavras, podemos entender que o homem ensina a si mesmo, faz a si mesmo, em sua própria ontologia.

Ainda nessa passagem do Coro há outro momento para pensar a questão política na elencada tragédia: quando o cidadão se mantém fiel às leis da cidade e à justiça divina, terá grande consideração na cidade – ὑψίπολις (*hypsípolis*); caso contrário, tornar-se-á ἄπολις (*ápolis*) – sem cidade (vv. 370). No entanto, há um limite imposto ao humano, o Coro revela-o no verso 360 quando afirma que o homem está irremediavelmente condenado ao Hades. Trata-se de um limite muito preciso e inescapável. Na ausência de um além-vida nos moldes daquele criado pela cultura cristã, a morte para os gregos é a completa aniquilação. Assim, sem esperar uma vida no porvir, aos gregos abre-se uma

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

radical experiência de ação no mundo concreto. Na tragédia grega – em todas que nos chegaram – há um momento em que o herói trágico faz a pergunta *τὶ δράσω* (*tì drásō*), que traduzindo literalmente significa: “o que devo fazer?”. Deste modo, em meio à efervescência do contexto democrático, a tragédia coloca sob seu foco justamente aqueles elementos que se apresentam como o substrato da política antiga: a ação, a autoridade e o poder. Vejamos como isso se expressa no diálogo entre Creon e Hemon (seu filho). Hemon entra em cena no verso 631, e até o verso 680 parece estar de acordo com seu pai. Contudo, nos versos 683-684, Hemon faz um elogio ao pensamento e ponderação, afirmando ser um dom divino. Adiante, entre 687-690, afirma que a cidade faz críticas a Creon, e coloca que as ações de Creon, como governante, oprimem o povo. No grego, o termo original para o qual escolhi traduzir por “povo”, é *δημότη* (*dēmótēi*) (v. 690), que está claramente relacionado a *δῆμος* (*dēmos*). Conceitos complexos, sem dúvida. Considerando a autoridade que Creon encerra em si mesmo, proponho seguir a tradução oferecida por Richard Jebb, que compreende *δημότη* (*dēmótēi*) por “ordinary citizen”, nesse caso, ter-se-ia “cidadão comum”. Ou seja, Creon, governante da cidade, exerce uma forma de autoridade que é excessiva.

Alguns versos a frente Hemon articula um pesado argumento:

Hem.: [...] μή νυν ἐν ἧθος μοῦνον ἐν σαυτῷ φόρει,
ὡς φῆς σύ, κούδὲν ἄλλο, τοῦτ' ὀρθῶς ἔχειν.
ὅστις γὰρ αὐτὸς ἢ φρονεῖν μόνος δοκεῖ,
ἢ γλῶσσαν, ἢν οὐκ ἄλλος, ἢ ψυχὴν ἔχειν,
οὔτοι διαπτυθέντες ὄφθησαν κενοί (vv. 705-709).

Hem.: [...] então não pense que apenas você conhece
o certo e ninguém mais, quem crê sozinho deter a razão,
ter a língua e pensamento superiores,
quando examinado, apenas
verifica-se o nada (vv. 705-709).

Hemon articula uma forma de pensamento cara à configuração da cidade democrática. Quer dizer, o fundamento da praxis isonômica é o reconhecimento de que

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

aqueles que detém a condição de cidadão não são considerados proprietários únicos da razão. Do ponto de vista grego, pensar ser o único a deter a razão é uma atitude grave, que está às portas de incorrer naquilo que a cultura helênica chamava de ὕβρις (*hybris*): uma forma de comportamento que ultrapassa os limites da condição ética designada aos humanos.

Segue-se a isso uma rápida, intensa e tensa troca de versos entre Creon e Hemon. O jovem afirma que a cidade pensa que Antígone não deva ser condenada. Ao que Creon responde:

Cre.: πόλις γὰρ ἡμῖν ἀμὲ χρῆ τάσσειν ἐρεῖ; (v. 734).

Cre.: Pois a cidade ordena como devo me comportar? (v.734).

Fica claro que Creon percebe a si mesmo como o eixo que concentra e irradia a autoridade e a legitimação da ordem social. A esse pensamento, Hemon resiste afirmando:

Hem.: πόλις γὰρ οὐκ ἔσθ' ἥτις ἀνδρός ἐσθ' ἐνός (v.737).

Hem.: Não há cidade que seja propriedade de um único homem (v. 737).

A questão que Creon coloca imediatamente ao verso de Hemon é sintomática:

Cre.: οὐ τοῦ κρατοῦντος ἢ πόλις νομίζεται; (v. 738).

Cre.: E a cidade não é, pela norma, propriedade do governante? (v. 738).

Creon compreende que o poder e a autoridade podem ser personalizados. Mais do que isso, o governante de Tebas não concebe outra possibilidade de pensamento. Não se trata de uma opção, mas de uma necessidade em pensar o princípio de autoridade nesses termos. No verso seguinte. Hemon afirma de forma direta e poderosa, que o pensamento de Creon tem apenas uma e necessária consequência:

Hem.: καλῶς γ' ἐρήμης ἂν σὺ γῆς ἄρχοις μόνος. (v. 739).

Hem.: Belamente, em terra deserta governarias só (v. 739).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

No curto verso de Hemon fica claro que o jovem irradia o ponto de vista da cidade isonômica. Ou seja, enquanto Creon vê a si mesmo como o fundamento da autoridade, Hemon reconhece que na pólis poder e autoridade devem se encontrar despersonalizados. Creon vive e propaga um universo fechado, e como afirma Newton Bignotto, sua “[...] vontade pessoal é convertida na fonte da lei [...]” (1998, p. 68). Por sua vez, Hemon ao afirmar que a pólis não pode pertencer a um único homem, faz a defesa da democracia, e por conseguinte, deixa perceber a existência de uma crise inerente ao poder e à autoridade. O que quero dizer, é que no discurso de Hemon vê-se que a democracia exige liberdade e igualdade para se constituir. Aponto que em Hemon a cidade, a pólis é pensada como sinônimo de existência democrática. Creon representa o negativo do convívio isonômico, nele tudo é fechado, está definido e dado em definitivo, não há brecha para o ar. O tirano está incapacitado de observar que há um mundo exterior a sua vontade. Nada mais contrário à democracia, pois pensada como invenção, como criação – como diria Claude Lefort em *A Invenção Democrática* (1985) –, a política democrática não trabalha com a ideia de que existam soluções definitivas. A democracia é um eterno movimento, a ideia e a praxis democrática abrem-se a si mesma, ou seja, capaz de pensar a si como apenas um momento, em um movimento sempre autoquestionador, e, portanto, auto-instituente.

Proponho ler a tragédia *Antígone*, e fundamentalmente o diálogo entre Creon e Hemon, como uma forma de Sófocles apresentar aos cidadãos, pela referência à casa real de Tebas, um debate ligado ao contexto social e político ateniense de então. Assim, a tragédia escolhida – e isso creio que valha para todas –, em sua dimensão cívica e de instituição social da pólis, parece-me que pode ser melhor compreendida a partir do conceito de partilha do sensível elaborado pelo filósofo francês Jacques Rancière. Sobre o conceito o autor diz:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha (2009, p. 15).

Com efeito, a tragédia a partir de uma operacionalização de um vocabulário próprio à história política, jurídica e social da pólis apresenta à cidade uma reflexão sobre suas próprias estruturas, a partir de uma discussão dramática na qual os pontos de cardiais de referência são aqueles pertinentes aos cidadãos da Atenas do século V. Nesse sentido, utilizando o conceito de partilha do sensível, penso que a peça *Antígone* oferece à cidade uma dimensão reflexiva sobre as problemáticas que estão na órbita da autoridade e do poder no contexto da política democrática na Grécia antiga, permitindo aos cidadãos-espectadores problematizarem a própria natureza da ação e o fundamento da autoridade.

Referências

BIGNOTTO, Newton. **O Tirano e a Cidade**. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto 2: os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOLDHILL, Simon. Civic Ideology and the problem of difference: the politics of Aeschylusian Tragedy, once again. **Jornal of Hellenic Studies**, v. 120, p. 34-56, 2000.

LANZA, Diego. **Le Tyran et son Public**. Paris: Édition Belin, 1997.

LEFORT, Claude. **A Invenção Democrática**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MARSHALL, F. **Édipo Tirano: a Tragédia do Saber**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

MEIER, C. **De la Tragédie Grecque comme Art Politique**. Paris: Les Belles Lettres, 1991.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SEGAL, Charles. O ouvinte e o espectador. In: VERNANT, J.-P. (org.). **O Homem Grego**. Lisboa: Presença, 1994. p. 175-198.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

SOPHOCLES. *The Antigone of Sophocles*. Trad. Richard Jebb. Cambridge: Cambridge University Press, 1891.

SÓFOCLES. *Antígone de Sófocles*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

SÓFOCLES. *Antígona de Sófocles*. Trad. Maria Helena Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1985.

TORRANO, Jaa. A máquina trágica de pensar política. *Opiniões*, São Paulo, v. 14, p. 22-32, 2019.

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os Gregos, os Historiadores e a Democracia*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

ZELENAK, Michael. *Gender and Politics in Greek Tragedy*. New York: Peter Lang, 1998.